



OS SIMBOLISMOS MATERNS EM MEDEIA: A MÃE BONDOSA E A MÃE DESTRUIDORA

Amanda Rosa de Bittencourt¹

Resumo

O mito de Medeia é um dos mais trabalhados, recriados, recontados e modificados de todos os mitos gregos. Neste trabalho, consideraremos a relevância de ler *Medeia* com olhos incondicionados pelo contexto sócio histórico em que vivemos atualmente, buscando uma interpretação simbólica da tragédia de Eurípedes. Para tanto, analisaremos Medeia como símbolo de Mãe da Vida e Mãe da Morte, através da relação com sua filiação divina: a deusa Hécate, a deusa Circe e o deus Hélio, mostrando que Medeia não comete filicídio apenas como um ato de vingança, mas como um ato divino que traz interpretações simbólicas e espirituais. A leitura de *Medeia*, que costuma ser feita através de ideias preestabelecidas pela sociedade, leva-nos a outra perspectiva de análise por meio da simbologia mítica que consideraremos nesse trabalho. Utilizaremos como embasamento teórico: Hesíodo, Vernant, Campbell, Eliade e outros, na tentativa de traduzir toda a complexidade que esse mito nos apresenta.

Palavras-chave: Medeia. Eurípedes. Simbologia.

1 Introdução: a crítica subjetiva da mitologia

A mitologia existiu em todos os povos primitivos e possui representações importantes no imaginário da humanidade. Campbell (2007) escreve que, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos sempre se desenvolveram. Na contemporaneidade, a mitologia aparece em filmes, seriados, revistas e livros ficcionais, através dos temas variados que ela apresenta. Porém, comumente, a mídia aborda o mito na forma literal, realizando uma análise superficial dos ensinamentos ali descritos; o mito é demonstrado como foi apresentado ao mundo por historiadores e tragediógrafos, sem interpretações críticas ou reflexões profundas, e o resultado é que muitas pessoas veem a mitologia como um conjunto de histórias irrelevantes ou partes de religiões obsoletas.

Devido às opiniões depreciativas acerca da importância dos mitos, muitos ignoram a sua simbologia, a sua influência e o uso prático que os conhecimentos desses poderiam trazer-lhes. Campbell (2007, p. 21) diz que “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se às aquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás.” Eliade

¹ Acadêmica de sexto semestre do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Email: amanda.bitti@hotmail.com. Orientada nesse artigo por Lígia Sávio, professora doutora do curso de Letras da Faculdade Porto-Alegrense – FAPA. E-mail: ligiasavio@fapa.com.br.

(1979a) escreve que pesquisas realizadas explicam como o mito desenvolveu o pensamento primitivo, e que esse desenvolvimento ainda tem papel fundamental na construção da nossa sociedade. Ainda segundo o mesmo autor, o símbolo dentro do mito expõe os aspectos mais profundos da nossa realidade, e que as imagens, os símbolos e os mitos não são invenções insensatas da imaginação, “[...] eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser.” (ELIADE, 1979a, p. 13).

Pela mitologia podem ser compreendidos os processos psicológicos, como Campbell (2007) coloca que uma vez que recordemos as linguagens simbólicas dos mitos, aceitaremos os ensinamentos que eles têm a oferecer, pois são as “[...] metáforas reveladoras do destino do homem, bem como de sua esperança, fé e obscuro mistério.” (CAMPBELL, 2007, p. 257). O símbolo desperta o inconsciente do sujeito, forçando-o a ir além dos padrões condicionados. Campbell (2008, p. 37) diz que “o mito deve fazer o indivíduo atravessar as etapas da vida, do nascimento à maturidade, depois à senilidade e à morte”. Porém, as experiências não são explícitas, é necessária uma leitura reflexiva em cada mito e à sua significação particular. Ler os mitos com olhos condicionados pelas referências da sociedade em que estamos, onde tudo é prático e objetivo, limita o seu sentido constitutivo e atemporal.

É importante ressaltar que, atualmente, a grande maioria das pessoas vê Deus como único e absoluto, e ao lermos os termos “deuses” e “deusas”, presentes nas mitologias antigas, como a grega, esbarramos em conceitos contemporâneos. Esses condicionamentos ou preconceitos são um impedimento a uma análise crítica da mitologia, eles limitam-nos a ponto de realizarmos poucas interpretações dos diversos mitos e de contarmos com ideias preestabelecidas sobre os símbolos ali descritos. Um dos principais pontos a se considerar é que os deuses não são separados entre si, cada deus e deusa têm relação com os outros deuses.

Todo panteão, como os dos gregos, supõe deuses múltiplos; cada um tem suas funções próprias, seus domínios reservados, seus modos particulares de ação, seus tipos específicos de poder. Esses deuses que, em suas relações mútuas, compõem uma sociedade do além hierarquizada, na qual as competências e os privilégios são alvo de uma repartição bastante estrita, limitam-se necessariamente uns aos outros, ao mesmo tempo que se completam.[...]. (VERNANT, 2006, p. 4).

Muitos pagãos, inclusive os gregos, viam os deuses e semideuses como partes da divindade primordial, como integrantes de um mesmo universo, nenhum podia existir sem o outro. Eles fazem parte de um conjunto em comum, pois são individuais, mas também são um coletivo. Vernant (2006, p. 5) afirma que “em sua presença num cosmos repleto de deuses, o homem grego não separa, como se fossem dois domínios opostos, o natural e o sobrenatural. Estes permanecem intrinsecamente ligados um ao outro. [...]”.

Vernant (2006) também diz que o leitor deve se prevenir contra a tentação natural de assimilar o mundo religioso dos antigos gregos com o mundo que nos é familiar, concepção que enfatizamos veementemente, pois o entendimento do mito só virá sem as condições sociais previamente estabelecidas. O autor também destaca, assim como Campbell e Eliade, que “[...] a religião grega apresenta-se como uma vasta construção simbólica, complexa e coerente, que abre para o pensamento, como para o sentimento, seu espaço em todos os níveis e em todos os seus aspectos, inclusive o culto. [...]”. (VERNANT, 2006, p. 24).

Para compreender um mito em particular, devemos ter em mente que é necessário analisar os símbolos que o tornam perene, relacionando-o com os rituais envolvidos (que realizam os ensinamentos) e abranger os deuses relativos. A partir desses conceitos, trabalharemos a filiação divina de Medeia e o simbolismo de específicas partes dentro do mito na obra de Eurípedes.

2 A significação divina de Medeia

A bibliografia utilizada traz como a origem filial de Medeia: Hélio, Hécate e Circe. A seguir, falaremos sobre cada um deles, para após relacionarmos suas significações com o simbolismo da obra literária.

2.1 A luz de Hélio

Todos os historiadores são unânimes em considerar Hélio como avô de Medeia, não havendo divergências historiográficas como acontece com outros familiares. Hélio é pai de Eetes, avô de Medeia, Deus-Sol. Grimal (2005) diz que ele é um jovem de grande beleza, percorre o céu em um carro de fogo, todas as manhãs, caminhando pelo dia e parando para descansar a noite.

Ainda segundo o autor, Hélio é uma divindade considerada como o olho do mundo, já que é o sol quem vê tudo que ocorre no planeta. De acordo com Hesíodo (2007), ele é uma das divindades da geração dos Titãs, pois na geração dos Olímpianos, Apolo será o deus dominante do Sol, mas Hélio jamais perdeu a majestade. Ele e Apolo compartilham a simbologia de serem o Deus-Sol.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991), o sol é o pai, o fogo, o símbolo da criação/destruição/ressurreição. A simbologia do Sol relaciona-se com a força de seu poder, que pode servir tanto para auxiliar no crescimento de uma planta quanto matá-la queimada; um poder gerador de vida e causador de morte.

2.2 A sombra de Hécate

Hécate é uma das deusas anteriores à geração dos Olímpianos, pertencendo à geração dos Titãs. Segundo Hesíodo (2007), a deusa conserva seus dons originais, apesar do declínio da geração desses deuses, e adquire mais privilégios de Zeus, sendo muito respeitada entre os deuses imortais e entre os mortais, porque detém força e poder. Grimal (2005, p. 293) diz sobre Medeia, que “[...] atribui-se-lhe como mãe a deusa Hécate, patrona de todas as feiticeiras. [...]”. O autor ainda explica que Hécate não possui mito propriamente dito, ela caracteriza-se mais pelas suas funções e pelos seus atributos do que pelas suas aparições nos mitos. Primeiramente, ela é uma deusa de prosperidade material e, pouco a pouco, transforma-se na deusa que preside os talentos mágicos, ligada ao mundo das sombras e da morte. Grimal (2005, p. 193) diz que Hécate “[...] surge aos magos e às feiticeiras com um archote em cada mão, ou sob a forma de diversos animais: égua, cadela, loba. etc. [...]”.

Hécate é uma das deusas da antiguidade relacionadas ao aspecto trilunar, ou seja, uma das deusas tríplices lunares, por isso, ela aparece personificada diferente de outras deusas: ela surge “[...] sob a forma de uma mulher com três corpos ou então com três cabeças.” (Grimal, 2005, p. 193). Chevalier e Gheerbrant (1991) dizem que a deusa atua em todos os aspectos femininos inconscientes, e podemos relacionar esses aspectos com a morte inconsciente presente no corpo feminino, às três etapas do ciclo de renascimento: menarca, parto e a menopausa. Hécate é a regente da vida e da morte, uma das deusas anciãs que personifica todas as etapas da vida, ou pelos conceitos lunares femininos de vida, e pode orientar a passagem da vida para a morte e da morte para o renascimento, já que é uma deusa que apresenta os dois aspectos dialógicos.

2.3 A transformação de Circe

Grimal (2005) explica que Circe é filha de Hélio e seria tia de Medeia; outra possibilidade levantada pelo mesmo autor é que Hécate seria mãe de Circe, e, por conseguinte, irmã de Medeia. O mito de Circe está predominantemente ligado ao mito de Ulisses e tem uma passagem no mito dos Argonautas. Na *Odisséia*, livro de Homero, Circe aparece como a feiticeira que transforma os homens em animais (em algumas versões do mito, são porcos) através de uma poção. Como dizem Chevalier e Gheerbrant (1991), os animais são os símbolos das camadas mais profundas do inconsciente e do instinto. O único homem que não se transforma é Odisseu/Ulisses, que foi auxiliado por Hermes e não sucumbiu aos artifícios de Circe. Uma das versões coloca que o casal se apaixona, vive junto e têm dois filhos e, após esse período, Odisseu segue sua viagem.

Circe possui uma simbologia próxima à de Hécate como deusa da magia, da lua, do feminino e do inconsciente. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991), a transformação em porcos ou em outros animais realizada por ela, se dará de acordo com a tendência inconsciente do caráter e da natureza do transformado; a deusa o transformará, e dependendo de seu espírito, o homem se transformará em um determinado animal. Circe é a deusa da transformação e do renascimento, símbolo da troca de papéis entre homem racional e homem instintivo e do retorno aos conceitos mais profundos dentro do indivíduo.

2.4 A diferença de Medeia

Medeia, neta de Hélio, filha de Eetes e Hécate, irmã de Circe, possui sua história mesclada com outros mitos, ora o do Velocino de Ouro, ora o dos Argonautas. Jasão só possui um mito por causa de Medeia e vice-versa, ambos estão intrinsecamente ligados, tanto que falar de um é citar o outro também. Não nos deteremos na análise de Jasão, mas trataremos dele conforme for necessário para a compreensão da totalidade do mito, assim como as demais personagens. Realizaremos um resumo teórico dos pontos mais centrais do enredo mítico, citando algumas das suas diferentes versões para um melhor entendimento da tragédia.

O mito inicia-se com Medeia em Cólquida. Ela conhece Jasão, o casal se apaixona e ela o auxilia em todas as provas necessárias para a conquista do velo de ouro. Grimal (2005, p. 293) diz que “[...] uma vez conquistado o velo de ouro, Medeia fugiu com Jasão.”. O casal passa por muitas aventuras até voltar à cidade-natal de Jasão. O que acontece com Jasão e Medeia na cidade difere: Grimal (2005, p. 293) comenta que “[...] umas vezes ele [Jasão] reina no lugar de Pélias, [...]”; Brunel (2005, p. 613) escreve que “[...] de acordo com uma primeira versão do mito, Jasão e Medeia vivem em lolco em bons termos com Pélias; [...]”.

Porém, em todas as variantes, ambos exilam-se por algum motivo: Grimal (2005, p. 293) afirma que “[...] Jasão deu o reino a Acasto, filho de Pélias [...]”; Brunel (2005, p. 613) argumenta que em “[...] outra versão, no entanto, apresenta Pélias como um usurpador que deu fim aos pais de Jasão. [...]”; a mais conhecida das versões relata que Medeia rejuvenesce o pai de Jasão, Esón, em um caldeirão, e o rei Pélias deseja o mesmo. Através do auxílio inocente das filhas deste, Medeia mata o rei. Por causa do assassinato, Grimal (2005, p. 293) afirma que “[...] Acasto, filho de Pélias, banuiu Jasão e Medeia de seu reino. [...]”.

Segundo Grimal (2005), o casal vai viver em Corinto, onde eles vivem felizes e tranquilos durante dez anos. Dessa relação surgem os filhos, cujo número e sexos diferem em muitas tradições. Conforme Grimal (2005, p. 293), “Hesíodo refere um filho de Jasão e

Medeia. [...] Outros autores referem uma filha” [...] “Mais tarde, na tradição trágica, atribuem-se-lhes dois filhos [...]”.

Depois de vários anos, Jasão resolve separar-se de Medeia e casar-se com a filha do rei de Corinto. Grimal (2005) afirma que Jasão ficou noivo de Glauce (ou Creúsa, a filha do rei Creonte). A partir dessa situação, surgem os diferentes finais do que aconteceu com Medeia e seus filhos. Todas as versões são unânimes em dizer que as crianças vêm a falecer; entretanto a respeito de como ocorre essa morte, há diversas variantes: existe a versão de que durante uma cerimônia à deusa Hera, Medeia enterra as crianças sob o templo, onde elas morrem; também existe em outra tradição, o relato que afirma serem os corintianos os responsáveis pela morte das crianças no templo, como explica Brunel (2005). Apesar dessas versões, a mais famosa é aquela em que a própria mãe mata os filhos. Grimal (2005) comenta que foi Eurípedes o primeiro a apresentar o assassinato dos filhos realizado por Medeia.

3 Análise simbólica de *Medeia*

O texto literário que embasa esta análise é o escrito por Eurípedes, datado de 431 a.C. O enredo da tragédia *Medeia* constitui um dos episódios finais de um longo mito, que foi descrito resumidamente no capítulo anterior. Escolhemos analisar o filicídio e o assassinato de Pélias, com a intenção de explicar simbolicamente os acontecimentos ali descritos, relacionando Medeia com a sua filiação divina e com os simbolismos maternos relacionados à vida e à morte, através de conceitos citados pelos autores Eliade, Campbell e Rinne.

Conforme Rinne (2005), a atual Medeia é a lembrança de uma deusa da sabedoria e da cura, dotada de poderes sobre a vida, a morte e o renascimento, descendente da antiga estirpe do Sol e da Lua. Entretanto, devido a motivos sociológicos e antropológicos ocorridos durante os séculos, a descendência sábia e curativa se perdeu. Assim como sua mãe Hécate, os aspectos positivos declinaram e assumiram apenas os aspectos sombrios, sendo que esse estigma ainda perdura atualmente.

As confusões e contradições – que justamente nas tradições literárias dos fragmentos referentes a Medeia tanto chamam a atenção – provêm, antes de tudo, do fato de que os narradores, intencional ou inconscientemente, interpretavam mal as representações simbólicas não pertencentes ao sistema religioso da sua própria época, mas a um sistema anterior de referencia religiosa, que era a veneração da Grande Deusa. (RINNE, 2005, p. 38).

Eurípedes escreveu uma elaboração literária baseada nas lendas tradicionais de Medeia, adaptando-as à sua época e aos conceitos que desejava transmitir, realizando uma versão de acordo com a sua ideologia e com a sua visão de mundo, escrevendo um texto que pertence ao sistema religioso de sua geração. Para o autor grego, Medeia não era mais

uma deusa lunar e solar, e sim, uma mortal mais sábia e poderosa, embora ele não deixe de colocar os seus antigos parentescos. Nessa próxima passagem retirada da tragédia, vemos que o autor tenta manter na personagem, as qualidades que o mito anterior representava: Medeia diz: “Sem dúvida sou diferente em muitas coisas da maioria dos mortais” (EURÍPEDES, 2007, p. 41), mas não mais uma deusa imortal. Ela ainda estava acima da esfera dos mortais e no mesmo nível dos heróis semideuses, porém agora não os apoiava mais como deusa, mas como mulher mais desenvolvida que dispunha de poderes mágicos.

Os poderes mágicos estão presentes no imaginário das deusas citadas nesse trabalho: Medeia, Hécate e Circe. Deusas que compõem uma tríade lunar feminina pagã através de seus poderes e simbologias. A tríade é a ideia de três deusas, que assumem um papel baseado nas três fases da lua, conceito relevante para o desenvolvimento de cada passagem feminina: lua crescente, a juventude; lua cheia, a maternidade; e lua minguante, a menopausa. Rinne (2005) afirma que uma donzela surgia como uma jovem primaveril; uma mulher madura como verão; e uma velha outonal e hibernal como inverno. Chevalier e Gheerbrant (1991) explicam que a lua possui essa simbologia de abranger as três esferas do mundo, o céu, a terra e o inferno. Essas correspondências estavam dentro de um cosmo idealizado composto de três partes: a deusa-jovem reinava sobre o ar e o céu; a deusa madura sobre a terra e o mar; e a deusa anciã, sobre o inferno e o reino dos mortos. Relacionando às deusas desse trabalho, Rinne (2005) escreve que Medeia é a deusa-moça, Circe é a ninfa orgástica e Hécate é a velha deusa da morte e do inferno.

Todas as deusas antigas possuíam esses aspectos trilunares em si mesmas e, com o advento do patriarcado, foram separados e suas representações simbólicas inseridas em novos deuses. Rinne (2005) explica que, embora algumas deusas olímpicas, que ou como “esposas” ou como “virgens”, conservaram muitas de suas atribuições, elas perderam, ao contrário de outras, como Medeia, Hécate e Circe, o aspecto mortífero e infernal. No texto de Eurípedes, Medeia expõe a sua relação com a deusa anciã, “[...] por minha soberana, pela deusa mais venerada e que escolhi para ajudar-me – Hécate [...]” (EURÍPEDES, 2007, p. 35). A autora explicita na próxima passagem as divisões que essas deusas sofreram:

A queda de Hécate, a realizadora dos desejos, o escurecimento da Circe transformadora e o desaparecimento da Medeia conselheira expressam o fato de que os conteúdos e imagens dos valores encarnados originalmente pela tríade e o caminhar consciente pelo ciclo da vida, morte e renascimento não podiam mais ser integrados na consciência. A imagem universal da deusa dividiu-se na imagem da “boa mãe” e na da “mãe devoradora”. (RINNE, 2005, p. 84).

A separação ocorrida mostra o quanto a Deusa Universal, que englobava os dois aspectos, maternal e letal, se transformou para pertinências em mais de uma deusa e como suas atribuições simbólicas se modificaram. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991), a própria simbologia da mãe traz a vida e a morte correlatas, nascer é sair do ventre da mãe e

morrer é retornar à terra. Campbell (2007) escreve que à primeira figura, a “mãe bondosa”, nós atribuímos a presença nutridora e protetora, visto que vinculamos à relação da criança com a mãe, e o imaginário condicionado não permite que vejamos a Mãe além dessa imagem perfeita e confortadora. Porém, como o mesmo autor diz, “a mãe da vida é, ao mesmo tempo, mãe da morte; [...]” (CAMPBELL, 2007, p. 295). A deusa é o símbolo da terra, da vida, da morte e do planeta, tudo cresce e morre em seu útero, e o autor expressa essas ideias na citação abaixo:

Ela abrange o abrangente, nutre o nutriente e é a vida de tudo o que vive. Ela é também a morte de tudo o que morre. Todas as etapas da existência são realizadas sob sua influência, do nascimento — passando pela adolescência, maturidade e velhice — à morte. Ela é o útero e o túmulo: a porca que come seus próprios leitões. Assim sendo, ela une o "bom" e o "mau", exibindo as duas formas que a mãe rememorada assume, em termos pessoais e universais. (CAMPBELL, 2007, p. 115).

Atualmente, é muito complexo compreender que a Grande Deusa fosse venerada não apenas como a mãe que ama, que protege e que alimenta, mas também como a destruidora dessa vida, como um poder mórbido que age com destruição. Os antigos pagãos viam a Terra dessa forma, como a mãe que dá a vida e também é capaz de tirar. Eurípedes coloca estes termos nas palavras de Medeia. “Seja como for, perecerão! Ora: se a morte é inevitável, eu mesma, que lhes dei a vida, os matarei!” (EURÍPEDES, 2007, p. 63); “De qualquer modo eles devem morrer e, se é inevitável, eu mesma, que os dei a luz, os matarei.” (EURÍPEDES, 2007, p. 69).

E o próprio simbolismo lunar, como afirma Eliade (1992), já demonstra que a morte é a primeira condição para a regeneração mística, e as três deusas citadas fazem relação direta com a lua, pois são as imagens fúnebres lunares: nascimento, morte e ressurreição. Conforme Chevalier e Gheerbrant (1991), a lua é para o homem o símbolo dessa passagem da vida à morte e da morte à vida. Segundo Eliade (1992), os seres humanos conscientizaram-se destes papéis graças à observação dos ciclos lunares, cuja simbologia permitiu-lhes compreender os casos abaixo:

Graças ao simbolismo lunar, foi possível relacionar e estabelecer correspondências entre fatos tão heterogêneos como o nascimento, o devir, a morte, a ressurreição; as Águas, as plantas, a mulher, a fecundidade, a imortalidade; as trevas cósmicas, a vida pré-natal e a existência além-túmulo, seguida de um renascimento de tipo lunar (luz saindo das trevas); a tecelagem, o símbolo do “fio da Vida”, o destino, a temporalidade, a morte, etc. (ELIADE, 1992, p. 77).

Os antigos povos analisaram esses acontecimentos, que não possuem aparente relação entre si e os integraram em um único entendimento. Rinne (2005) explica que isso deve parecer um absurdo a um pensamento abstrato dualista atual, que vê a luz e as trevas, o bem e o mal, a felicidade e o sofrimento como antagonismos excludentes. Todavia, para o pensamento mítico, o cosmos é ordenado sob a forma de polaridades que se reconciliam

reciprocamente: a escuridão é a condição anterior à da luz; a felicidade é impensável sem o sofrimento, assim como a vida não pode ser entendida sem a morte. Como diz Eliade (1979b, p. 47), “nos universos imaginários, assim como em muitas mitologias e religiões, morte e vida estão dialeticamente relacionadas”.

O autor ainda diz que a Lua expõe não somente a união indissolúvel entre a morte e a vida, mas também que a morte não é decisiva, e sim, seguida de um novo nascimento. Em todas as sociedades tradicionais, a morte como segundo nascimento é o começo de uma nova existência espiritual, porém, esse novo nascimento não é como o biológico, ele é criado ritualmente. Dessa maneira, a morte/renascimento é uma iniciação, que demanda o falecimento da vida profana anterior e a ressurreição para uma vida sagrada posterior à morte simbólica iniciática. O autor coloca que toda iniciação precisa da morte simbólica seguida do renascimento, já que deve-se morrer para a condição anterior para renascer a um estado mais elevado. Campbell (2007, p. 20) explica que a função dos “[...] rituais consistia em levar as pessoas a cruzarem difíceis limiares de transformação que requerem uma mudança dos padrões, não apenas da vida consciente, como da inconsciente”.

De acordo com Rinne (2005), a morte não se afigurava com uma extinção definitiva, um final sem esperança, mas como um estágio de transição, uma fase de transformação inseparavelmente associada ao ciclo da vida. E nos rituais antigos, a ideia de morte, vida e renascimento era muito utilizada como rito de passagem, vulgo iniciação. A morte precedia a vida renovada e rejuvenescida. Era preciso derramar sangue para renovar magicamente a fecundidade da terra porque, para o pensamento mágico, a “essência” da força vital está no sangue. Sacrifícios cruentos eram oferecidos à Deusa para restituir-lhe simbolicamente a dádiva da vida. A morte e o sangue como ritos iniciáticos faziam com que o participante se desenvolvesse e renascesse para uma nova identidade. Eurípedes (2007, p. 63) escreve que Medeia coloca a próxima frase a seus filhos antes de matá-los: “sede felizes, ambos, mas noutro lugar [...]”. A consciência da morte como parte integrante da vida.

Como diz Eliade (1992), a iniciação é um retorno à Mãe Cósmica, um retorno às duas facetas maternas inicialmente separadas e a morte é uma regressão ao estado embrionário, aos estágios anteriores ao primeiro nascimento. O simbolismo dessa volta ao ventre é a certeza de poder ser criado de novo, de ser parido pela Mãe para um novo estado consciente. Essa consciência está presente no simbolismo do mito da nova vida de Esón, pai de Jasão, e na morte de Pélias, rei de Iolco. Rinne (2005) relata que Medeia tinha o poder de restaurar a vida e rejuvenescer e que, no caldeirão mágico, renasceu o velho pai de Jasão. Através desse sacrifício no caldeirão, ela obteria o renascimento dos homens. Ainda segundo a autora, de acordo com relatos antigos, Hélio, o deus-Sol, entrava todas as noites, ao atravessar o oceano escuro, num caldeirão de onde saía rejuvenescido na manhã seguinte. O caldeirão da transformação, símbolo de Medeia, é o recipiente que contém toda

a vida velha, que afunda e morre, e de onde ressurge a vida rejuvenescida; é um símbolo do rito de passagem, essência vital e sangue mortal, transformados simbolicamente pela mãe. A imagem original desse milagroso recipiente é o útero, o local onde a vida é gerada. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991), o caldeirão detém a mesma simbologia do útero: o nascimento de um novo ser. Se a deusa é capaz de auxiliar o iniciado a renascer, ela também pode ajudá-lo a morrer, e isso acontece com o rei Pélias. Com a ajuda das filhas do rei, a prole que havia sido gestada anteriormente, Medeia não o rejuvenesce, ela o deixa morrer. Eurípedes (2007, p. 37) coloca em sua tragédia: “[...] fiz Pélias morrer também, da morte mais cruel, imposta pelas filhas [...]”.

Campbell (2007, p. 23) afirma que “percorremos um círculo completo, do túmulo do útero ao útero do túmulo [...]”. E Eliade (1992) escreve que todos os rituais e simbolismos exprimem uma única ideia: o homem ainda não está acabado depois do amadurecimento; ele deve nascer uma segunda vez, passando de um estado imperfeito para um perfeito. Segundo o autor, o homem só chega à plenitude através dos ritos de passagem ou de iniciações sucessivas. E para alcançar esse estado, o ser necessita do auxílio da Mãe Universal, que abrange o aspecto maternal e o aspecto mortífero, sendo que Medeia é uma das deusas míticas que simboliza essa duplicidade perfeitamente. Medeia é a deusa que dispõe da fecundidade ctônica das profundezas e da fecundidade espiritual do céu, a deusa mítica que simboliza a superação da morte e da plenitude da vida.

4 Considerações finais

Eliade (1979b) enfatiza que graças aos símbolos, o homem sai de seu mundo particular, despertando sua consciência e compreendendo a espiritualidade. Tentar compreender o que as mitologias têm a nos dizer é uma tarefa árdua para a maioria dos mortais, a referência de um deus ou uma deusa transcende os séculos e faz com que nós ainda tentemos descobrir o que eles significam. Compreender a mitologia, apesar de suas diferentes versões, é entender os símbolos que estão nela representados, como coloca a autora Rinne abaixo:

Ao lidar com a mitologia grega, uma das dificuldades reside em que os mitos ou fragmentos de mitos de origens diversas, que nela se encontram fundidos, passam por um contínuo processo de interpretação, adaptação, arranjos e elaborações literárias, fazendo com que sua forma original só seja reconhecível quando se recorre a símbolos mais antigos e se compara os mesmos com mitos semelhantes ou paralelos. (RINNE, 2005, p. 19).

Os símbolos presentes nas mitologias são universais e entendê-los faz parte de um processo lento que exige do pesquisador paciência e uma mente aberta, sem os conceitos preconcebidos de nossa época. A autora ainda diz que os mitos e os símbolos míticos podem representar uma valiosa ajuda, quando se trata de trazer processos inconscientes

para a esfera da consciência, de integrá-los à personalidade e de restabelecer assim a totalidade psíquica. Eliade (1979a) argumenta que, atualmente, iniciamos o processo de compreender algo que nos séculos anteriores ainda não éramos capazes: que o mito e o símbolo pertencem à substância da vida espiritual, que se pode camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas nunca extirpá-los.

Campbell (2008, p. 45) diz que “os arquétipos mitológicos o ajudarão a refletir sobre o conhecimento dessa dimensão transpessoal, trans-histórica do seu ser e da sua experiência, pois são símbolos eternos que vivem em todas as mitologias do mundo, os modelos que sempre deram apoio à vida humana”. A mitologia faz parte de todas as culturas e seus símbolos são vistos e trabalhados há muito tempo, justamente pela relação que possuem com os nossos processos individuais. Mesmo com o passar dos séculos, os mitos não desaparecem do imaginário humano, eles fazem parte do ser e é impossível não os encontrar em alguma situação existencial do ser humano.

Relacionando esses conceitos ao mito de Medeia e aos ciclos de vida e morte, buscamos entender que a morte é inseparável da vida e está presente dentro de todos os seres. A arte está em não fechar os olhos diante dos ciclos da vida e da morte, ciclos que estão presentes diariamente nas nossas vidas, em toda a violência que assistimos no cotidiano. O ser humano é plenamente capaz de matar e destruir-se, como também de dar a vida e desenvolver-se. Campbell (2007) escreve que todo princípio básico da mitologia é isso, o início no fim.

Como diz Eliade (1992), o iniciado devia sair vitorioso da morte/ressurreição, ou iniciação, para conseguir viver de forma plena a sua existência terrena, e isso significa, atualmente, vencer o seu próprio inconsciente, repleto de monstros mitológicos e integrar os seus dois lados psíquicos. A iniciação está tão próxima da realidade do homem contemporâneo que inúmeras ações desse ainda reproduzem os quadros míticos e iniciáticos, “a existência é fundada pela iniciação; quase se poderia dizer que, na medida em que se realiza, a própria existência humana é uma iniciação” (ELIADE, 1992, p. 100).

Campbell (2008) teoriza que tradicionalmente, a primeira função da mitologia viva é conciliar a consciência com as preocupações da sua própria existência – quer dizer, com a natureza da vida. Para entendê-la e dar-lhe o devido valor, precisamos entender a natureza da morte, e também dar-lhe a devida importância, aceitar os processos mortais e vitais que ocorrem com cada um de nós e renascer, com o auxílio dos símbolos míticos, para uma nova perspectiva. Segundo Eliade (1992), a mãe humana reproduz o ato do parto da vida como a Mãe Terra, e por isso, ela deve-se deixar levar pela matriz universal para realizar o grande mistério que é o nascimento de uma vida, compreendendo assim o papel que essa representa como símbolo da vida/morte/ressurreição.

Referências

- BRUNEL, Pierre. Dicionário de mitos literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. Mito e transformação. São Paulo: Ágora, 2008.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos. Lisboa: Editora Arcádia, 1979a.
- ELIADE, Mircea. Ocultismo, bruxaria e correntes culturais: ensaios em religiões comparadas. Belo Horizonte: Interlivros, 1979b.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- EURIPEDES. Medéia, Hipólito e As Troianas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GRIMAL, Pierre. Dicionário de mitologia grega e romana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- RINNE, Olga. Medéia: o direito à ira e ao ciúme. São Paulo: Cultrix, 2005.
- VERNANT, Jean-Pierre. Mito e religião na Grécia antiga. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.